

# Editorial

## *A EJA como lugar do deslocamento: na contramão da imobilidade e do fatalismo*

Antes de iniciarmos nossas habituais reflexões sobre EJA, precisamos mencionar que esta edição contou com o fomento da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC), do “Edital de Chamada Pública FAPESC nº 21/2022: Programa de apoio e incentivo à consolidação de periódicos científicos” (FAPESC, 2022), que nos permitiu efetuar grandes avanços para o aprimoramento de nossa revista, sobretudo no que diz respeito à nova identidade visual, diagramação e aperfeiçoamento de processos, como a melhoria identificação de plágios, por exemplo.

Passamos por um momento de valorização, tanto por conta do fomento da FAPESC quanto pelo apoio da reitoria atual do IFSC — à nossa revista, que foi a primeira no Brasil a focalizar nessa temática tão importante da modalidade educacional voltada para jovens e adultos. Nós refletiremos sobre o **lugar e o movimento** da EJA em nosso país (e no mundo). Tratamos aqui de um conceito de lugar e movimentos em seus sentidos abstratos, isto é, pretendemos refletir sobre quais espaços são permitidos à EJA ocupar na sociedade e de que maneira os sujeitos engajados em EJA se *locomovem* em tais espaços, traçando pontos de *territorialização* e *desterritorialização* (Deleuze; Guattari, 2008).

Nesse sentido, este editorial (como de costume) irá dialogar com a ilustração de capa feita por Renan Racinoski, de acordo com as solicitações da equipe editorial. A capa traz à vista um mapa do Brasil, com a explicitação de algumas fronteiras latino-americanas, destacando-se um círculo, ao centro do país, que está deslocado para fora do mapa, como um recorte ou uma espécie de extrusão, isto é, projeção para fora do território estabelecido. Apresenta, também, por trás, algumas

veias que representam um pedaço de carne humana, como um fragmento de pele que se levanta do corpo, deslocando-se do seu costumeiro lugar.

Assim, a ilustração de capa desta edição pretende trazer aos leitores uma ideia de deslocamento diante do que está posto, de movimento e tentativa de fugir de realidades (muitas vezes, opressoras) impostas à educação, sobretudo no que se refere à EJA. Esta capa trata, portanto, de uma metáfora para o que pensamos sobre a educação de jovens e adultos, o que objetivamos pormenorizar neste editorial, retratando a EJA como o pedaço de pele que se desloca do seu lugar-comum e se direciona para fora, numa sensação constante de não pertencimento, num processo perseverante de deslocamento na busca de um corpo heterogêneo que a acolha e compreenda a constituição atípica de sua pele marginal.

Mas antes de qualquer reflexão sobre educação, precisamos elucidar que a capa desta edição da revista é inspirada na capa de um livro da escritora polonesa Olga Tokarczuk, ganhadora do Nobel de Literatura, traduzido como “Os vagantes” — na edição brasileira (de 2014) — e “Viagens” — na edição portuguesa de 2022 (Tokarczuk, 2022). Conforme as notas do tradutor à edição brasileira, o título original em polonês (“Bieguni”) consiste na:

denominação da facção de uma antiga seita russa convicta de que o mundo está encharcado de maldade, a qual teria mais acesso ao ser humano caso este estivesse parado num mesmo lugar. Assim, para não sucumbir à maldade, **os seres humanos deveriam ser vagantes, mudando constantemente de local** (N. do T.). (Tokarczuk, 2014, p. 215, grifos nossos).

Partindo dessa premissa de uma espécie de busca por um “nomadismo” que torna esses sujeitos “vagantes” (ou “viajantes”), a autora delinea seu livro com textos-fragmentos, que passeiam entre os gêneros discursivos *crônica*, *conto* e outros similares. As histórias desenhadas pela autora se entrecruzam em determinados momentos, mas o fio condutor que, de fato, rege a obra é o conceito-raiz de *bieguni*, que, a nosso ver, é uma palavra eslava um tanto

intraduzível em um só vocábulo na língua portuguesa, tal como ocorre com o vocábulo “banzo” (brasileiro, de origem africana), sentimento que não se traduz em monopalavra. Numa tentativa, entretanto, de tradução, *bieguni* traz essa ideia de deslocamento constante, de desenraizamento, nomadismo ou, ao menos, contra-sedentarismo.

Em dado momento da obra, um pequeno texto levanta reflexões intrínsecas ao termo *bieguni* e todo o conjunto de conceitos imbricados em seu bojo. Observemos: “No aeroporto, um imenso painel pendurado numa parede de vidro afirma com absoluta convicção: A MOBILIDADE CONSTITUI UMA REALIDADE. Nós continuaremos teimando que se trata simplesmente de um anúncio de celulares”. (Tokarczuk, 2014, p. 215, grifo da autora).

Essa microcrônica de viagem — denominação de gênero discursivo que estamos utilizando para classificar o texto — apresenta a frase de um anúncio de celulares, que mostra a importância da mobilidade, no sentido de que os celulares *smartphones* nos possibilitam o acesso à informação, à comunicação e outras funcionalidades em vários lugares do mundo, em todo em qualquer horário. Desse modo, o enunciado “A mobilidade constitui uma realidade” é uma frase comercial de valorização do serviço de *smartphones*, no seu sentido estrito, embora a autora transponha essa frase para outra realidade: a do seu sentido *bieguni*, de uma itinerância desenraizada, uma espécie de nomadismo do sujeito contemporâneo, que não se contenta em ficar imóvel.

E é mais propriamente esse segundo sentido, preconizado por Tokarczuk (2014), que nos mobiliza neste editorial. Em movimento similar à autora, na sua transposição de sentidos, de que modo podemos trazer essas reflexões para a educação de jovens e adultos e o posicionamento de educadores dedicados a tal modalidade?

Acreditamos que a EJA, tal como os *bieguni*, deve ser o lugar do deslocamento, da mobilidade, em constante recusa à imobilidade e ao fatalismo.

Essa argumentação, ao contrário do que possa aparentar, não se fundamenta em crenças pessoais, mas é sim pautada nas palavras de Paulo Freire, que, em diversas obras, criticava constantemente a educação bancária conservadora, que desconsiderava os conhecimentos de seus alunos, seus movimentos e deslocamentos na sociedade. Como afirma Freire (2000, p. 22, grifos nossos):

Uma das primordiais tarefas da pedagogia crítica radical libertadora é trabalhar a legitimidade do sonho ético-político da superação da realidade injusta. É trabalhar a genuinidade desta luta e a possibilidade de mudar, vale dizer, é **trabalhar contra a força da ideologia fatalista dominante, que estimula a imobilidade dos oprimidos e sua acomodação à realidade injusta**, necessária ao movimento dos dominadores. É defender uma prática docente em que o ensino rigoroso dos conteúdos jamais se faça de forma fria, mecânica e mentirosamente neutra.

Conforme assegurava o educador, a imobilidade está relacionada ao pensamento fatalista neoliberal, ao qual muitos sujeitos educadores estão ainda ancorados — não obstante Paulo Freire já tenha nos alertado sobre isso há mais de 40 anos — um pensamento que fortalece o *status quo* do opressor, facilitando sua manutenção de poder na sociedade. Ainda em “Pedagogia da Indignação”, o patrono da educação de jovens e adultos, mais uma vez, ressalta sua defesa contra a famigerada imobilidade de educadores e educandos, nesse viés contra o discurso da acomodação. Segundo Freire (2000, p. 35, grifos nossos):

O discurso da acomodação ou de sua defesa, o discurso da exaltação do silêncio imposto de que resulta a **imobilidade dos silenciados**, o discurso do elogio da adaptação tomada como fado ou sina é um discurso negador da humanização de cuja responsabilidade não podemos nos eximir. A adaptação a situações negadoras da humanização só pode ser aceita como consequência da experiência dominadora, ou como exercício de resistência, como tática na luta política. (Freire, 2000, p. 35, grifos nossos).

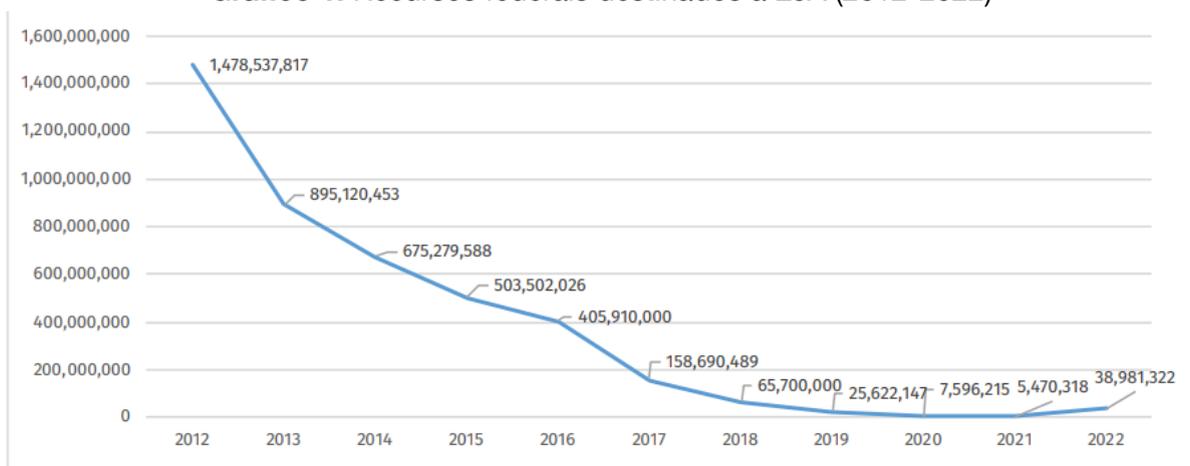
É justamente com essa postura de inconformismo diante de realidades dominadoras, perante o poder hegemônico dos opressores, que os educadores de jovens e adultos devem se locomover no mundo. Porém, essa postura de enfrentamento exige inúmeros deslocamentos das realidades impostas, um

movimento que pode exigir “dor”, como um pedaço de pele que se arranca de um corpo ao qual não se pertence. Isso deve acontecer, principalmente, em momentos considerados de crise, como os que se colocam agora à nossa frente.

Ser educador de EJA nos tempos atuais consiste em estar inserido num processo constante de luta em prol dessa modalidade em que trabalhamos (e batalhamos por), uma vez que o contexto do Brasil, na última década, revela um decréscimo de considerável magnitude no investimento federal na educação de jovens e adultos. De acordo com dados do Siop (Sistema Integrado de Planejamento e Orçamento) reunidos no dossiê solicitado pelo Movimento Educação pela Base (2022), o investimento em EJA no Brasil decresceu da casa dos bilhões para a casa dos milhões entre 2012 e 2013, decaindo paulatinamente a cada ano (entre 2014 e 2021).

Já em 2022, o valor de investimento voltou a subir, mas consistiu num valor ínfimo se comparado com os demais anos, representando o correspondente a 3% do valor que havia sido destinado à modalidade dez anos antes (em 2012). Detalhamentos a respeito dos números exatos de investimento em EJA no Brasil na última década podem ser verificados no Gráfico 1:

**Gráfico 1:** Recursos federais destinados à EJA (2012-2022)



**Fonte:** Ação Educativa, CEPEC; Instituto Paulo Freire, (2022, p. 22)

Como podemos ver no gráfico, o decréscimo do investimento em EJA no Brasil ocorre de maneira vertiginosa, explicitando a desvalorização da sociedade e do governo em relação a essa modalidade de ensino. A partir dessa realidade que nos foi imposta e das reflexões traçadas sobre deslocamento, constante (e necessária) mobilidade e contra o fatalismo traçadas neste editorial, fica o questionamento: de que maneira nós, educadores e militantes de EJA, podemos nos movimentar contra a conjuntura de depreciação (orçamentária e ideológica) da educação de jovens e adultos no Brasil?

O lugar da EJA é o lugar da indignação e rebeldia, que se faz não por “rebeldes sem causa”, mas sim por “rebeldes por uma luta coletiva”, que se traduz em atos revolucionários. Nesse momento, as palavras de Paulo Freire se fazem cada vez mais atuais:

É preciso porém que tenhamos na resistência que nos preserva vivos, na compreensão do futuro como problema e na vocação para o *ser mais* como expressão da natureza humana em processo de estar sendo, fundamentos para a nossa *rebeldia* e não para a nossa *resignação* em face das ofensas que nos destroem o ser. **Não é na resignação mas na rebeldia em face das injustiças que nos afirmamos.** Uma das questões centrais com que temos de lidar é a promoção de posturas rebeldes em posturas revolucionárias que nos engajam no processo radical de transformação do mundo. A rebeldia é ponto de partida indispensável, é deflagração da justa ira, mas não é suficiente. **A rebeldia enquanto denúncia precisa de se alongar até uma posição mais radical e crítica, a revolucionária, fundamentalmente anunciadora.** A mudança do mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação, no fundo, o nosso sonho. É a partir deste saber fundamental: *mudar é difícil mas é possível*, que vamos programar nossa ação político-pedagógica, não importa se o projeto com o qual nos comprometemos é de alfabetização de adultos ou de crianças, se de ação sanitária, se de evangelização, se de formação de mão de obra técnica. (Freire, 2000, p. 37).

Esperamos que as reflexões traçadas aqui neste texto de abertura à edição da revista “EJA em Debate” possam trazer inspirações para o agir docente e para o

agir de pesquisador de modo revolucionário na educação de jovens e adultos. Como de praxe, desejamos a todos ótimas leituras!

**Ivelã Pereira**

*Editora-chefe*

*Doutora em Linguística e professora em EJA-EPT (IFSC, câmpus Chapecó)*

**E-mail:** [ivela.pereira@ifsc.edu.br](mailto:ivela.pereira@ifsc.edu.br)

**Orcid:** <https://orcid.org/0000-0001-7840-0678>

**DOI do editorial:** <https://doi.org/10.35700/2317-1839.2023.v12n21.3884>

## **Referências**

ARROYO, Miguel G. **Passageiros da noite:** do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs:** capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 2008.

**FAPESC.** Edital de chamada pública nº 21/2022: Programa de apoio e incentivo à consolidação de periódicos científicos. Florianópolis: FAPESC, Florianópolis, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação:** Cartas Pedagógicas e Outros Escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

AÇÃO EDUCATIVA; CEPEC; INSTITUTO PAULO FREIRE. **Em busca de saídas para a crise das políticas públicas de EJA.** 2022. Disponível em: [https://observatorio.movimentopelabase.org.br/wp-content/uploads/2022/10/dossie\\_eja.pdf](https://observatorio.movimentopelabase.org.br/wp-content/uploads/2022/10/dossie_eja.pdf). Acesso em: 15 maio 2023.

TOKARCZUK, Olga. **Bieguni.** Cracóvia: Wydawnictwo Literackie, 2007.

TOKARCZUK, Olga. **Os vagantes.** Trad. Tomasz Barcinski. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2014.

TOKARCZUK, Olga. **Viagens.** Trad. Teresa Fernandes Swiatkiewicz. 10. ed. Lisboa: Cavalo de Ferro, 2022.